

A COR/RAÇA E A AUTOATRIBUIÇÃO DOS DISCENTES DA ESPECIALIZAÇÃO DO IFRN CAMPUS MOSSORÓ/RN

Izilmara Cristina Lopes de Medeiros ¹

Ana Kalini da Costa Pereira ²

Magnólia Maria da Rocha Melo ³

RESUMO

A população brasileira possui uma diversidade de cor/raça característica, as quais foi possível devido aos diferentes povos que contribuíram para a formação do Brasil. Cada povo que chegou às terras brasileiras teve e tem uma participação crucial na miscigenação transbordante visualmente hoje, a presença destes ocorreu porque os europeus desejavam conquistar terras e devido ao processo de escravatura utilizando de mão de obra da África. Partindo desse contexto histórico da cor/raça, das questões sociais e das econômicas, temos como objetivo desse estudo saber como os alunos do curso de Especialização em Educação e Contemporaneidade – Instituto Federal do Rio Grande do Norte Campus Mossoró, se auto atribuí quanto a sua cor/raça e que aspectos eles usam para justificar o pertencimento a uma cor/raça, e para confirmar ou discordar da heteroatribuição recebida no Registro de Nascimento. Para colher as informações, foram elaboradas duas questões, primeira “Qual a sua cor/raça de acordo com seu Registro de Nascimento? A segunda, “ Você se considera da cor/raça que estar no Registro de Nascimento? Explique. Os alunos do curso de especialização, já mencionada, possui uma autoatribuição ora semelhantemente do Registro de Nascimento, ora, discordam do documento. Eles usam vários aspectos para justificar o pertencimento a uma cor/raça, tais como, a herança genética e condições externas de exposição ao sol e clima predominante, ao qual influencia no tom de pele. Outros alunos abordam a miscigenação.

PALAVRAS-CHAVE: Auto Atribuição; Heteroatribuição; Diversidade.

INTRODUÇÃO

A população brasileira possui uma diversidade de cor/raça característica, as quais foi possível devido aos diferentes povos que contribuíram para a formação do Brasil. Ribeiro (2012) comenta a diversidade citando, a presença de povos diversos, tais como:

¹Aluna da Especialização em Educação e Contemporaneidade, licenciatura em Ciências Biológicas. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró. izilmara_cris@hotmail.com

²Aluna da Especialização em Educação e Contemporaneidade, licenciatura em Ciências Sociais. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró. anakalini24@hotmail.com.

³Mestre em Serviço Social, especialista em Filosofia e em Serviço Social e Política Social. Assistente Social do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró. cinemagnolia@yahoo.com.br

[...] os nativos (os índios), os colonizadores principais (os portugueses), os “demais colonizadores” em forma de imigrantes como (franceses, Holandeses, posteriormente Italianos, Japoneses, alemães entre outros), e na história mais recente com maior intensidade temos coreanos, nigerianos, bolivianos e peruanos, além daqueles aqui não mencionados, e [...] (os negros) que vieram para o Brasil de forma compulsória a datar do início da colonização até final do século XIX (RIBEIRO, 2012, p.5).

Cada povo que chegou às terras brasileiras teve e tem uma participação crucial na miscigenação transbordante visualmente hoje, a presença destes ocorreu porque os europeus desejavam conquistar terras, e devido ao processo de escravatura utilizando de mão de obra da África. Mas,

É relevante lembrarmos que nos primeiros anos de colonização os índios eram escravizados para as tarefas mais árduas, porém por conhecerem bem o território, eles conseguiam se articular mais facilmente, tanto para a defesa quanto para o resgate de índios aprisionados, além de estarem habituados com uma dinâmica de trabalho totalmente diferente àquela a que queriam submetê-los, com isso, a opção de escravizar os negros fora menos difícil por estes serem trazidos há um lugar distante e não terem articulação entre si (RIBEIRO, 2012, p.6).

Entretanto, com a chegada de europeus, e africanos e a presença de nativos, começa ocorrer à distinção por parte do grupo dominante economicamente (europeus). Diante desse contexto, em 1870 a palavra raça aparece e,

Para esta geração, o conceito de raça, tal qual fora utilizado pela biologia do século XIX, era empregado para explicar as diferenças culturais entre os povos e o modo subordinado com que foram incorporados ao sistema mercantil global pela expansão e conquista européias. Para ser claro: abstraía-se da história e das formas sociais, econômicas e culturais para reduzir a desigualdades de situação entre os povos a caracteres físicos e biológicos (GUIMARÃES, 2011, p. 265).

O uso da palavra cor ou raça no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

Ao contrário do que alguns pensam, não foi inventada por burocratas, tendo mais de um século de história. No século XIX, o vocabulário étnico e racial era muito mais elaborado e diversificado do que o correntemente empregado. [...] há termos que são relacionados à posição no sistema escravocrata: escravo, peça, liberto, livre e forro. [...]. Outros termos dizem respeito à origem étnica, compreendendo fula, nagô, angola, mina [...]. Há também os termos que designam vários tipos de mestiçagem: crioulo, mulato, caboclo, cafuso e mameluco. Finalmente, há os termos mais relacionados às variações da cor da pele: negro, preto, pardo, branco, retinto, azeviche, oviano, cor retinta (OSÓRIO, 2003).

Assim, o primeiro Recenseamento do Brasil oficial do Império de 1872, adotou termos que se usavam corriqueiramente pela população relativa às variações de cor. No que tange o termo raça até então esquecido no período anterior descrito, ele agora passa a ser introduzido ao censo IBGE em 1991 o qual transformou,

[...] a antiga pergunta “Qual é a sua cor?” em “Qual é a sua cor/raça?”. Temos que reconhecer primeiro, que o termo não havia desaparecido de todo, passando mais por uma submersão que um desaparecimento. [...] o mais importante para o ressurgimento da raça, enquanto classificador social se deu com sinal invertido, isto é, como estratégia política para incluir, não para excluir, de reivindicar e não de sujeitar. São os movimentos sociais de jovens pretos, pardos e mestiços, profissionais liberais e estudantes, que retomaram o termo, para afirmar-se em sua integridade corpórea e espiritual contra as diversas formas de desigualdade de tratamento e de oportunidades a que estavam sujeitos no Brasil moderno, apesar – e talvez *pour cause* – da democracia racial. [...] A *raça* retorna, portanto, não mais como mote do imperialismo ou colonialismo, mas como glosa dos subordinados ao modo inferiorizado e desigual com são geralmente incluídos e tratados os negros, as pessoas de cor, os pardos. Para os cientistas sociais, assim como para os ativistas políticos, a noção de raça tem vantagens estratégicas visíveis sobre aquela de etnia: remetem imediatamente a uma história de opressão, desumanização e opróbio a que estiveram sujeitos os povos conquistados (GUIMARÃES, 2011, p. 266).

Percebe-se que as questões sociais e econômicas vão influenciar os usos de termos para o censo do povo brasileiro, os termos cor/raça variam conforme os movimentos políticos dominantes e movimentos das majorias que se sentem excluídas.

Dessa forma, para melhor compreensão do cenário em que os alunos pesquisados estão inseridos, o último levantamento de cor/raça no Brasil, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PENAD, 2005) sobre a população do Brasil estimada em 184,4 milhões de habitantes, 91 milhões de pessoas se declararam de cor/raça parda ou preta, e a população branca, esta próxima dos 92 milhões.

No Rio Grande do Norte 1.110.400 são brancos (amarela, indígena e sem declaração), e 1.892.771 são negros (parda e preta). Mas, há variantes na atribuição de cor/raça, que pode ser de duas formas, a heteroatribuída e autoatribuída. Osório (2003, p.12) explica que,

Em registros administrativos, raramente são empregadas formas mistas de identificação da pertença racial. Nos registros de nascimentos ou de óbitos, por exemplo, a cor dos sujeitos classificados é sempre definida por heteroatribuição, por motivos óbvios. Em cadastros nos quais o próprio interessado é o responsável pelo fornecimento da informação, a raça é normalmente definida por autoatribuição. [...] Há de se ressaltar, porém, que essa heteroatribuição é efetuada por outro muito próximo ao sujeito da classificação, não havendo, portanto, razões para suspeitar que o enquadramento assim obtido seja muito diferente do que seria autoatribuído.

A identificação de pertencimento racial ocorre primeiramente de forma heteroatribuída, quando um familiar registra a criança, no primeiro documento, o registro de nascimento. Já em cadastros, o indivíduo é responsável pela própria informação de sua cor/raça.

Partindo desse contexto histórico da cor/raça, das questões sociais e das econômicas que envolvem a autoatribuição da cor/raça, temos como objetivo desse estudo saber como os alunos do curso de Especialização de Educação e Contemporaneidade – Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN Campus Mossoró, se autoatribuí quanto a sua cor/raça e que aspectos eles usam para justificar o pertencimento a uma cor/raça, e para confirmar ou discordar da heteroatribuição recebida no Registro de Nascimento.

Para colher as informações, foram elaboradas duas questões, primeira “Qual a sua cor/raça de acordo com seu Registro de Nascimento? A segunda, “ Você se considera da cor/raça que estar no Registro de Nascimento? Explique.

METODOLOGIA

Para alcançarmos o objetivo foram realizadas leituras de embasamento teórico da temática aqui estudada. Uma vez que, “As leituras que faz devem estimular idéias e não impedir que pense por si próprio. [...] tente distanciar-se o suficiente para formular os seus próprios conceitos ou para alargar o trabalho dos outros”. (BODGAN & BIKLEN, 2010, p.215).

Assim também são as leituras que propicia conhecer mais sobre um universo de reflexões e de observações, partindo de nós mesmos e de outros atores sociais.

Percebeu-se a necessidade de aplicar questões abertas, essencial para recolhermos às informações necessárias no que condizem aos pensamentos e ideias do grupo de alunos investigados, no tocante ao reconhecimento a partir do Registro de Nascimento, levando em consideração o processo histórico e cultural atribuída aos mesmos.

Após as leituras sobre temática cor/raça foi elaborada duas questões: a primeira “Qual a sua cor/raça de acordo com seu Registro de Nascimento?” A segunda, “Você se considera da cor/raça que estar no Registro de Nascimento? Explique”.

O público alvo para estudo foi os alunos do curso de Especialização em Educação e Contemporaneidade do IFRN Campus Mossoró/RN. Essa turma do curso de especialização, tem 28 (vinte e oito) alunos frequentando, sendo que 7 (sete) pessoas participaram desta pesquisa, respondendo voluntariamente as duas questões propostas. Eles atuam com docentes em Instituições de ensino público, e participaram de discussões sobre a diversidade em uma disciplina do curso de pós-graduação já mencionado.

Para obtermos as respostas que desejávamos, utilizamos de alguns recursos, folha de respostas dentro de sala de aula, outras foram obtidas via e-mail, assim como também através do caixa de mensagens do Facebook.⁴ Para cada aluno designamos letras para identificar as respostas. Ressaltamos que foi adotado o conceito de raça usado pelo IBGE, (2013, p. 10).

o conceito de raça é considerado exclusivamente como uma construção sócio histórica, avaliando-se como fundamental para entender a história social, do Brasil e do mundo, no período conhecido como da modernidade. Consta-se sua transversalidade em relação a histórias específicas que dizem respeito a como se estruturam as relações entre grupos dentro de uma sociedade e entre diferentes sociedades, vis-à-vis as formas como as características físicas das pessoas são percebidas e classificadas.

Desse modo, a pesquisa se configura qualitativa por alcançar discutir as ideias que fazem parte do corpo da pesquisa, segundo os autores, Bodgan e Biklen (2010, p.70) “os objetivos dos investigadores qualitativos é de melhor compreender o comportamento e experiência humanos”, pois, nesta pesquisa, as ideias e conceitos são revelados nas respostas dos alunos os quais são formados a partir das experiências destes.

Todo esse percurso serviu de base para chegarmos às respostas sobre a autoatribuição de cada indivíduo, cuja, formada a partir de um processo histórico multicultural de cor/raça, resultante de experiências e comportamento do grupo social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

⁴ O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin também permite que você receba as novidades das páginas comerciais das quais gostar, como veículos de comunicação ou empresas. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>

Após a coleta de dados (07) sete alunos do curso de Especialização responderam prontamente as duas questões. A primeira consistia no seguinte questionamento: “Qual a sua cor/raça de acordo com seu Registro de Nascimento? A segunda, “ Você se considera da cor/raça que estar no Registro de Nascimento? Explique.

A seguir as discursões realizadas, cujas respostas que apresentaram pontos em comum foram agrupadas, para uma melhor discussão. Escolhemos não identificar os participantes, mas, abaixo de cada resposta há a identificação por letras.

As três seguintes opiniões remetem a herança genética e condições externas, de exposição ao sol e clima predominante a o qual influencia no tom de pele. Veja a seguir,

1-Branca
2-Situação **regional e genética.**
(J.R)

1-Branca
2-Meus **avós paternos e maternos são brancos.** Desde pequeno que sempre colocava como branco, quando questionava, e era pardo... Mas minha mãe sempre respondia que não, e que era branco.
(S.M)

1-Branca
2-Eu não nem me considero branca nem negra, me considero amarela ou parda. Mas como meu pai é branco então no meu registro tem a cor branca. Confesso que o **“sol” de Mossoró faz a cada dia minha pela fica mais escura (bronzead)**, então por isso me considero parda ou amarela.
(J.N)

O aspecto biológico da cor/raça envolvendo a genética ainda é um caso à parte, pois as questões externas com exposição prolongada ao sol constantemente provoca modificações de características, no caso específico cor da pele, além das questões sociais e culturais. Nesse contexto, Osório (2003, p. 11) comenta,

No entanto, mesmo quando se trata de raças socioculturais, há de se reconhecer também um embasamento biológico. Se um indivíduo tem a pele escura e outro não, o que permite que sejam socialmente diferenciados é porque em algum lugar das seqüências de bilhões de nucleotídeos de seu DNA há uns poucos cuja combinação produz essas diferenças visíveis.

As diferenças de cor/raça podem ser visíveis outras nem tanto, algumas diferenças são herdadas e outras adquiridas ou mesmo imposta pela família. Com o passar do tempo e exposição aos fatores sociais ambientais vão repercutir na percepção que se forma. Um

exemplo disso é a mãe de S. M., “Mas minha mãe sempre respondia que não, e que eu era branco”. Percebe-se que era a questão de percepção cultural materna questionada pelo filho.

Quanto à percepção, o IBGE, explica,

Porque toda percepção é uma percepção orientada e informada, o que uma pessoa vê enxerga e integra como figura perceptiva, por exemplo, não é, simplesmente, a imagem óptica que se forma na retina, mas o produto de uma seleção dos componentes desta a partir de um arcabouço mental configurado pelos seus conhecimentos, suas ideias, sua ideologia, crenças, conceitos e, fundamentalmente, seus preconceitos. (IBGE, 2013, p.21)

A próxima resposta mostra melhor a predominância de aspecto social e histórico da mestiçagem do povo brasileiro.

1-Sem especificação de cor/raça no Registro de Nascimento.
2-Bom me considero pardo. Pensando na **diversidade de raça e misturas de cores que está presente em nosso país**, isso nos possibilitou uma fusão entre a espécie humana e passo a concordar que, muito embora as diferenças **existam nos olhos de quem vê**, devemos manter um padrão de respeito e igualdade entre todos.
(M.G)

Então a partir do ponto de vista deste aluno,

Pode-se afirmar, assim, que a raça de uma pessoa reside no olho de quem a observa, sendo o olho uma metáfora dos conteúdos que constroem na percepção uma raça, aparentemente objetiva, atribuída à pessoa que é observada. (IBGE, 2013, p. 22)

Ou seja, há uma construção da percepção do eu, por meio de observação e do contexto de ideias, crenças e conceitos de se próprio e do grupo ao qual participa. Ainda no aspecto histórico das variações de cor/raças que temos no Brasil, eles responderam,

1-Parda
2-Concordo no Brasil devido a **enorme mistura de raças existentes, as raças tem características que fogem a classificação existente**. Acredito que algumas cores e raças fujam a nomenclatura convencional.
(B.P)

A resposta aponta um processo que vem ocorrendo desde o Brasil Colônia e continua ainda hoje, a miscigenação, conforme Darcy Ribeiro (1995, p.453),

Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ingenuidade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros.

Darcy atribui à mestiçagem a formação de um novo povo, que não tem conhecimento que o é, mas, vai definir a identidade, a de brasileiro. As respostas seguintes destacam a questão Afrodescendência.

1-Não tem

2-Era pra ter, mas, infelizmente não colocaram. Eu me declaro **negra** com **muito orgulho**.

(A.C)

1- Branco.

2- Não concordo na pesquisa domiciliar no IBGE eu me **denomino como sendo negro**.

(J.L)

As falas dos alunos de especialização em Educação e Contemporaneidade, demonstram que o termo negro/negra é agregado à resposta e se constitui com o intuito de valorização do grupo. Mas nem sempre foi assim. A cor/raça negra muda de significado com o decorrer do tempo,

O termo negro, entretanto, historicamente carregado de conotação pejorativa, só foi ressignificado a partir da ação do Movimento Negro organizado, que cobrou novo vigor nos anos de 1970, e voltou a ser utilizado desprovido do sentido pejorativo que o enquadrava (IBGE, 2013, p. 34).

O Movimento Negro vai propiciar a valorização da cor negra e uma mudança no comportamento grupal dos indivíduos que são caracterizados como pertencentes, ou mesmo uma segregação daqueles que se autoatribuí assim. Os negros tem uma história de exclusão e discriminação na sociedade brasileira, pois,

No Brasil temos algumas hierarquias que combinam com a classe, raça ou a cor a que estão intimamente ligadas ao processo de formação de nossas diferenças sociais. Sabemos que atualmente com o desenvolvimento científico das ciências naturais e sociais o conceito de raça é cada vez mais questionado em sua eficácia científica. Não existe nenhuma pesquisa que comprove que a cor da pele, ou outras características físicas implicariam em certos comportamentos morais ou qualidades essenciais a um determinado povo como se acreditava no final do século XIX. (...) É comum acreditar que a situação dos afrodescendentes no Brasil de se encontrarem nas camadas mais pobres da população se deve muito mais à pobreza e ao passado escravista do que à existência do preconceito e da discriminação em nossa sociedade. (AGUIAR, 2007, p.84)

Independente da cor da pele a ciência tem provado que não há várias raças humana, há uma raça, a raça humana com variadas características culturais e individualidades.

CONSIDERAÇÕES

As variações de características da raça/cor do povo brasileiro foram formadas dentro de um decorrer histórico marcado pela exclusão, de alguns grupos como os dos negros e esquecidos como os indígenas. Mas a miscigenação colocou em prova a segregação total ou a certeza de estar incluído.

Os alunos do curso de especialização em Educação e Contemporaneidade do IFRN Campus Mossoró possui uma autoatribuição ora semelhantemente do Registro de Nascimento, ora, discordam do documento. Eles usam vários aspectos para justificar o pertencimento a uma cor/raça, tais como, a herança genética e condições externas de exposição ao sol e clima predominante, ao qual influencia no tom de pele. Outros alunos abordam a miscigenação.

Ainda na formação da autoatribuição de cor/raça foram levantados fatores sociais e culturais, os quais vão repercutir na percepção que se forma do eu. Assim, na construção da percepção de pertença da cada cor/raça, há o fator observacional, o contexto de ideias, crenças e conceitos de se próprio e do grupo ao qual participa.

Desse modo, as auto atribuições apresentadas pelos alunos partem da construção a partir da cultura das vivencias e conhecimentos que foram adquiridos ao longo da formação de cada um deles. O Brasil tem todas as cores que compõe um só povo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. **A construção das hierarquias sociais**: classe, raça, gênero e etnicidade. Cadernos de Pesquisa do CDHIS n. 36/37 ano 20 p. 83-88 — 2007. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/a-construcao-das-hierarquias-sociais-classe-raca-genero-e-etnicidade>> Acesso em fev. de 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2010.

GONSALVES, Elisa P. **Iniciação Científica**. 4. ed. Campinas- SP: Alinea, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Raça, cor, cor da pele e etnia**. Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011. Disponível em<

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Raca%20cor%20cor%20da%20pele%20e%20etnia.pdf>> Acesso em jan. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **CARACTERÍSTICAS ÉTNICO-RACIAIS DA POPULAÇÃO**: Classificação e Identidade. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. p. 208. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/pcerp_classificacoes_e_identidades.pdf>. Acesso em jan. de 2014.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas**. In: **Paulo de Salles Oliveira**. (Org.). Metodologia das Ciências Humanas. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 2001, v. , p. 17-26.

OSORIO; Rafael Guerreiro. **O SISTEMA CLASSIFICATÓRIO DE “COR OU RAÇA” DO IBGE**. Brasília, novembro de 2003. Governo Federal. TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 996 Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~observa/bibliografia/artigos_periodicos/RafaelGuerreiroOsorio.pdf> Acesso em: jan. de 2014

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. 2. Ed, São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

RIBEIRO, Josuel Stenio da Paixão. **A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO ÂMBITO ANTROPOLÓGICO**. Revista Multidisciplinar nº 14. Dezembro de 2012. p. 4 - 15 Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista14/pdf/artigos/01.pdf>> Acesso em jan. de 2014.